

---

## A IMIGRAÇÃO ITALIANA ATRAVÉS DA HISTÓRIA ORAL DAS ÍTALO-DESCEDENTES NO MUSEU ETNOGRÁFICO DA COLÔNIA MACIEL – PELOTAS/RS

### ITALIAN IMMIGRATION THROUGH THE ORAL HISTORY BY ÍTALO-DESCENDANTS AT ETHNOGRAPHIC MUSEUM IN MACIEL COLONY/PELOTAS/RS/BRAZIL

---

Fabiano Neis

Mestrando em História pela Universidade Federal de Pelotas

fabiano.prettoneis@gmail.com

**RESUMO:** O presente artigo é resultante de uma pesquisa realizada no Banco de Imagens e Sons do Museu Etnográfico da Colônia Maciel. O trabalho aborda a imigração italiana na área colonial de Pelotas, localizada na Serra dos Tapes, através de entrevistas realizadas com moradores da comunidade. O Museu Etnográfico da Colônia Maciel, inaugurado em junho de 2006 e mantido pelo Instituto de Memória e Patrimônio e pela Universidade Federal de Pelotas, faz parte de um Circuito de Museus da Colônia de Pelotas e está situado na Vila Maciel (8º distrito), instalado na antiga sede da Escola Garibaldi (fundada em 1929). O Museu tem por finalidade preservar a memória da comunidade e fomentar pesquisas através das três coleções que compõem o acervo (acervo oral, acervo visual e acervo material), todas originadas entre os moradores da localidade, que compartilham a identidade de descendentes de imigrantes italianos. A chegada dos imigrantes italianos na localidade teve início a partir de 1883 e está inserido no contexto imigratório do último quartel do século XIX. Embora esquecida pela bibliografia tradicional, a Colônia Maciel recebeu um número significativo de italianos que participaram da construção da identidade ítalo-pelotense. Através do olhar feminino podemos analisar a vida cotidiana dos imigrantes, bem como a chegada e o trabalho; e até mesmo, por meio de uma história comparada, as semelhanças e particularidades da imigração na Serra dos Tapes com a imigração na Serra Gaúcha.

**PALAVRAS-CHAVE:** Imigração Italiana; Pelotas; Museu Etnográfico da Colônia Maciel

**ABSTRACT:** This article is the result of research done in the Bank of Images and Sounds of Ethnographic Museum Maciel Colonia. The paper deals with Italian immigration in the colonial area of Pelotas, located in Serra dos Tapes, through interviews with residents of the community. The Ethnographic Museum of Colonia Maciel, opened in June 2006 and maintained by the Office of Memory and Heritage and the Federal University of Pelotas, is part of a circuit of Pelotas Museums of Colonia and Maciel is located in the Village (8th district), installed at the former headquarters of the Garibaldi School (founded in 1929). The Museum aims to preserve the memory of the community and to foster research through the three collections that compose the collection (oral, visual and material) all originated from local residents, who share the identity of descendants of Italian immigrants. The arrival of Italian immigrants in the locality started from 1883 and is housed in an immigration context of the last quarter of the nineteenth century. Although overlooked by traditional bibliography, Colonia Maciel received a significant number of Italians who participated in the construction of the Italo-Pelotas identity. Through the female gaze can analyze the daily lives of immigrants as well as the arrival and work; and even, through a comparative history, the similarities and particularities of immigration in the Serra dos Tapes with immigration in Serra Gaucha.

**KEYWORDS:** Italian Immigration. Pelotas. Ethnographic Museum of Maciel Colony.

## O Museu Etnográfico da Colônia Maciel

O Museu Etnográfico da Colônia Maciel (MECOM) localiza-se no 8º Distrito de Pelotas, nominalmente conhecido como Rincão da Cruz, aproximadamente, quarenta quilômetros do centro urbano, com acesso pela BR 392, em direção ao município de Canguçu. Institucionalmente, o MECOM é um Projeto que integra o Laboratório de Ensino e Pesquisa em Antropologia e Arqueologia (LEPAARQ) da Universidade Federal de Pelotas, havendo dois projetos referentes ao museu: (i) o projeto de extensão (Museu Etnográfico da Colônia Maciel) e (ii) o projeto de pesquisa (Banco de Imagens e Sons do Museu Etnográfico da Colônia Maciel). Na figura 1 encontra-se a localização geográfica do 8º Distrito de Pelotas:

Figura 1: Mapa do Município de Pelotas, com a localização do rincão da Cruz.



Fonte PANIS, 2007

O MECOM é constituído por três tipologias de acervos:

- (i) Fontes Visuais: composta por cerca de três mil imagens entre fotos originais e digitalizadas, provenientes de famílias da comunidade, documentos, fotos de objetos e de edificações identificados e fotografados durante a pesquisa.
- (ii) Fontes Orais: composta por trinta e quatro entrevistas, nas quais foi utilizada a técnica de história oral. Estas entrevistas foram realizadas com descendentes dos imigrantes italianos, bem como com moradores de descendentes de outras etnias por serem portadores de memória representativa da localidade;
- (iii) Fontes Materiais: composta por 300 objetos das mais variadas utilidades, doados para comporem o acervo do museu.

Entre abril de 2000 e maio 2002, aconteceu o projeto “Recuperação e Preservação da Memória Histórica da Comunidade Italiana Pelotense” sob orientação do Prof. Dr. Fábio Vergara Cerqueira e colaboração do Sr. Tomas Lucia, presidente da Sociedade Italiana Pelotense e com uma intensa participação da então acadêmica do curso de História, Luciana da Silva Peixoto . O projeto tinha por objetivo resgatar a memória histórica da comunidade italiana, focando tanto a vida urbana quanto a vida rural na cidade de Pelotas.

Como resultado das pesquisas realizadas e por anseio da própria comunidade, no dia 06 de junho de 2006, o Museu Etnográfico da Colônia Maciel solenemente foi inaugurado, e este está localizado fisicamente em um prédio construído em 1928, no qual funcionava a Escola Garibaldi, a partir de 1929. Na figura 2 podemos ver a atual fachada do museu:

**Figura 2: Fachada do Museu Etnográfico da Colônia Maciel:**



**Fonte: Acervo do MECOM.**

Sua expografia foi pensada no sentido de que os três acervos estivessem presentes e dialogassem, estando divididos em temas como: a chegada, o trabalho, a casa, a educação, o lazer e a religiosidade. Desde o ano de 2008, o MECOM integra o Circuito de Museus Étnicos, que é composto ainda pelo Museu Grupelli, Museu e Espaço Cultural da Colônia Francesa e Museu Histórico de Morro Redondo. A manutenção do museu, desde a sua fundação, resulta de uma parceria entre a Universidade Federal de Pelotas, a Prefeitura Municipal de Pelotas e o Instituto de Memória e Patrimônio.

### **A Serra dos Tapes e a Chegada dos Imigrantes**

A Serra dos Tapes era uma região rica em matas e possuía uma terra fértil, no entanto, não era comumente utilizada para a agricultura até meados do século XIX. A importância

residia no fato de que as terras pertenciam aos charqueadores e serviam apenas para a extração de madeira, conforme Gutierrez (2001, p.208):

As datas de matos na serra dos Tapes foram concedidas aos charqueadores em 1800. Ali, mais que a agricultura, extraía-se todo o tipo de madeira, que ia para as fábricas, para alimentarem as caldeiras e fornalhas a vapor, utilizadas na fabricação de graxa e sebo. Parte da madeira seguia para a construção civil, na cidade.

Por serem banhadas por diversos arroios, as terras localizadas na Serra dos Tapes, durante os meses de junho a setembro, eram o destino dos escravos, já que os charqueadores utilizavam a mão-de-obra escrava na derrubada de matas ou na fabricação de tijolos e telhas. Segundo Gutierrez (2001, p.230):

Nos dias frios de inverno, quando o pasto estava ralo e o gado magro, não se matava. Encharcadas das chuvas, mais maleável, a argila era retirada para a preparação de tijolos e telhas. Os cativos passavam os invernos cobertos pelo barro úmido que extraíam, moldavam, queimavam e levantavam a cidade que nascia e crescia a sombra da escravidão.

Ao mesmo tempo em que os escravos eram mandados para a Serra dos Tapes a trabalho, esta região era sinônimo de refúgio para escravos fugitivos. Tanto é que, hoje, a localidade da Vila Nova, em que ficava a colônia francesa, situa-se no Distrito do Quilombo, revelando que no passado, próximo à localidade, havia um quilombo. Sobre quilombos na Serra dos Tapes, Mario Maestri (1996, p.308) fala que:

Na região, a Serra dos Tapes, com importante vegetação, arroios, caça abundante e boas terras, era hábitat ideal para quilombolas tentarem reconstruir uma vida em liberdade. As primeiras ondulações da Serra dos Tapes se encontram a uns vinte quilômetros de Pelotas. (...) O quilombo de Manoel Padeiro teria sido formado no segundo semestre de 1834. O certo é que nos primeiros dias de abril de 1835, sob a indiscutível autoridade de Padeiro, o bando passou a assaltar as chácaras da Serra dos Tapes.

A partir de 1850, as terras localizadas na Serra dos Tapes, em virtude da *Lei de Terras*, passaram a ser loteadas para que fossem ocupadas por imigrantes estrangeiros, conforme Grandó (apud ANJOS, 1995, p.12):

Toda a Serra [dos Tapes] foi dividida em pequenas propriedades, as picadas multiplicavam-se e nelas o movimento crescia. Estabeleceu-se ali uma corrente de imigrantes, que geralmente não chegavam diretamente da Europa. Eram originários das colônias situadas mais ao norte do Rio Grande do Sul, sendo, na sua maioria, alemães. Mas afluíram para lá também espanhóis, austríacos, franceses e italianos, muitas vezes vindos mesmo de outras províncias. De caráter espontâneo, essa imigração era atraída pelos organizadores das colônias, que, com ela, auferiram grandes lucros.

Neste contexto, a partir do início da década de 1880, são criadas as colônias Accioly, Affonso Pena e Maciel, de capital particular. No entanto, dada a baixa procura para a compra dos lotes, estas terras acabam sendo vendidas para a província. Através de um decreto imperial, em 1885, o governo provincial passa administrar aquelas colônias. Consultando as primeiras páginas do *Livro Tombo da Paróquia de Sant'Ana*, tem-se acesso a um relato da fundação da Colônia Maciel:

Historico da Colonia Maciel, da Capella e da criação da nova freguesia de Santa Anna, cuja séde está na 1ª secção da Colonia Maciel. Não me é possível recolher e reproduzir aqui todos os dados historicos de alguma importancia, porém algum dos mais notáveis vão aqui.

O nome de Colonia Maciel, teve origem do primitivo nome dono desta data de mattos, de 50 colonias mais ou menos, Fulano De Tal ... Maciel.

No anno de 1883 (ou 1884 - início da colonização) mais ou menos, mandaram elle dividir esta data de mattos em lotes coloniaes, e um anno depois introduzia alguns colonos (emigrantes) italianos da região Veneto em sua maioria da Provincia de Trevisa. No centro destas colonias o governo mandou construir um Barracão, onde os emigrantes moraram por algum tempo, até collocal-os nos lotes coloniais. Aos primeiros que aqui chegaram deu um lote urbano, perto d'onde construíram o dicto Barracão. Mais tarde servia de capella. Na mesmma ocasião o governo designou 4 lotes urbanos para o Cemeterio da Colonia e um lote para a Igreja, que era o lote que se achava o Barracão. Esta Colonia fica quasi toda no quinto districto de Pelotas, pela nova divisão dos municipios, de Pelotas e Cangussú.

Foi nos annos de 1884 a 1886 que vieram os primeiros colonos, para a Maciel. Aqui escrevemos os nomes das familias que começaram a povoar estas colonias e derrubar os mattos. No primeiro anno tiveram auxilio do governo tanto dos viveres, como das ferramentas para os trabalhos.

Carl Otto Ullrich, professor primário, agrimensor e pastor evangélico, fixou-se na Colônia Santo Antônio, localizada na Serra dos Tapes. Em 1898, foi publicado, em Berlim,

por R. Jannasch, “Conselhos aos Emigrantes para o Sul do Brasil”, em que Ullrich escreveu um texto sobre a região da Serra dos Tapes, o qual é um precioso documento para estudos sobre a colonização nesta região. Além de focar na Colônia Santo Antônio, ele dá um parecer sobre as demais colônias localizadas na região, totalizando 31 núcleos coloniais. Sobre a Colônia Maciel, ele descreve:

(...) Maciel, uma colônia do governo de 50 lotes de 360.000 m<sup>2</sup>, habitada por 56 famílias italianas, num mesmo número de casas. Há cinco casas comerciais, dois moinhos, uma escola da comunidade, uma escola do governo e uma igreja católica. A produção é de milho, feijão, tremoço, vinho, cevada, trigo, etc. (ULLRICH, 1999)

Provavelmente, Ullrich escreveu sobre a Maciel e demais colônias, durante a última década do século XIX, quando já não existia mais a monarquia, e vivíamos os primeiros anos da República. Quando, em 1885, o governo imperial assume a direção da Colônia Maciel, esta se torna uma das últimas colônias criadas pelo Imperador Dom Pedro II na Província de São Pedro, e, por ordem de criação, a quinta colônia de criação imperial.

Um relato escrito pelo religioso Cônego José Barea, secretário do Arcebispo Metropolitano Dom João Becker, para a publicação referente ao Cinquentenário da Imigração Italiana no Rio Grande do Sul (1925), fala sobre a situação das colônias italianas no Rio Grande do Sul, em uma perspectiva religiosa, mas dentre as comunidade que ele descreve, acaba citando a Colônia Maciel:

Colônia Maciel ( Pelotas) – Diverse famiglie italiane, La maggior parte trevisane e vicentine, hanno fondato questo núcleo coloniale, oggi sede di parrocchia, eretta da D. Giacobbe Lorenzet; ma dovuto all’isolamento in cui si trovano, hanno perduto quase interamente l’uso d’ella lingua italiana. Il loro numero ascende a 125 famiglie. (VAZATTA,1997, p. 119) <sup>1</sup>

<sup>1</sup> Colônia Maciel ( Pelotas) – Diversas famílias italianas, a maior parte trevisinos e vicentinos, fundaram este núcleo colonial, hoje sede da paróquia, erguida por D. Giacob Lorenzet, mas devido ao isolamento em que se encontram, perderam quase inteiramente o uso da língua italiana. Seu número é superior a 125 famílias. (tradução livre feita por Fabiano Neis). O relato acima foi publicado originalmente no Álbum comemorativo ao Cinquentenário da Imigração Italiana no Rio Grande do Sul, em 1925, no entanto para a pesquisa foi usado o livro organizado por Abrelino Vicente Vazzata, em 1997.

## A História Oral das Descendentes de Imigrantes na Colônia Maciel

A história oral, segundo Verena Alberti (2005, p.155), “permite o registro de testemunhos e o acesso a “histórias dentro da História” e, dessa forma, amplia as possibilidades de interpretação do passado.” Associado ao trabalho da análise decorrente das fontes orais não se pode esquecer que estamos trabalhando com a memória proveniente das descendentes de imigrantes italianos. Afinal de conta, a identidade e a memória estão ligadas, pois sem termos o conhecimento do passado não poderemos saber quem somos.

É de extrema importância, na análise dos depoimentos coletados entre as mulheres, situá-las quanto a sua descendência italiana, isto é, entre as depoentes, encontram-se até a 3ª geração de descendentes dos imigrantes da Colônia Maciel (filhas, netas e bisnetas), fazendo com que todas relatem que logo que os imigrantes chegaram ao núcleo colonial da Maciel, foram acomodados no *Barracón*, um prédio construído para abrigar temporariamente os imigrantes até que estes se estabelecessem definitivamente nas terras destinadas pelo Governo. Além de proporcionar a acomodação dos imigrantes, o Governo também fornecia a alimentação dos mesmos. A senhora Irene Casarin Scaglione relata que:

Meu pai veio da Itália com 18 anos; e com ele vieram muitos italianos. Se estabeleceram na Maciel que no início se chamava *barracón*, que foi feito pelo governo (...) Então, o governo colocou todos esse italianos ali debaixo, nessa barraca. Acho que naquele tempo, quando o papai era vivo, o governo fornecia só farinha de milho, porque eles viviam só comendo polenta. E ficavam todos juntos. Então cada mulher, cada família fazia aquele montinho pra dormir. Eu acho que era assim, porque o pai dizia que não era separado, era tudo junto. (Irene Casarin Scaglione, 20/05/2000)

Já a senhora Aurora Francisca Camelatto lembra algumas famílias pioneiras na Colônia Maciel e ainda relata que as terras eram pagas após as safras:

Veio os Pegoraro, veio Portantiolo, veio Casarin, veio... Zaffalon. Veio foi muita família, aí o governo começo a repartir um pedacinho de terra a cada um e dava. Dava, mas tinha que pagar, depois que colhia, que plantava, que colhia nós tinha que pagar uma parte.” (Aurora Camelatto, 25/06/2005)

Lembramos que desde a *Lei de Terras* de 1850, não poderia mais haver doações de terras do Império, passando então a serem vendidas aos imigrantes com a possibilidade de pagamento em longo prazo. Estudos indicam que à dívida colonial de cada lote era acrescida um percentual de 20%, correspondente aos gastos realizados pelo Governo Imperial com o imigrante e sua família, bem como os impostos sobre a terra.

Logo após o estabelecimento na Colônia Maciel, como só havia mato, começaram o desmatamento e as construções de moradias. Sobre a construção das casas na Colônia Maciel, houve dois tipos de materiais utilizados: casas de madeira e casas de pedra. Sobre as casas feitas com pedra, ainda hoje existe a casa de Giusto Casarin, construída em 1888, que pode ser observada no seguinte relato:

Nesses locais - na Maciel - tem muitas casas ainda feitas de pedra, pedra bruta, do mato. Uma dessas casas que ainda existem é a do meu avô. (Irene Casarin Scaglione, 20/05/2000)

Já a senhora Angelina Casarin Zanetti lembra como era feita a casa de madeira da família paterna:

A primeira casa que eles fizeram era tábua, de tábua assim, bruta. Mas aí eu não sei dizer se eram eles que serravam, como era, devia ser com serrote. Naquela época só sei dizer que eles fizeram, taparam a casa, a primeira casa que vieram morar, faziam as tabuinhas de machadinho assim, e pregavam, botavam tudo madeira assim. Eu sei que eles faziam tudo a machadinha, machado, construía assim né, e faziam muito assoalho, coisa assim, tudo de madeira. (Angelina Casarin Zanetti, 17/06/2000)

A cobertura das casas era feita com tabuinhas de madeira. Essas tabuinhas na região colonial italiana da Serra eram tradicionalmente conhecidas como *scandole*. A senhora Gema Voltan Zanetti Kurtz lembra como era o processo de fabricação:

Eu sei que eles faziam com aquelas tabuinhas né? É, eles cortavam a madeira e faziam aquelas, faziam umas tabuinhas, assim deste tamanho, deste comprimento. E tapavam as casas, não eram tapadas com telhas, eram tapadas com a tabuinha. (Gema Voltan Zanetti Kurtz, 18/06/2000)

Todas as entrevistadas, quando questionadas sobre a casa, falavam especificamente sobre um dos cômodos da casa: a cozinha e, quando falavam da cozinha; lembravam-se do *foccolare* ou, no dialeto vênето, *fogolar*, de alguns objetos como as panelas e a trempe<sup>2</sup>:

O fogão era como se fosse um monte: na beirada era a parede montada de pedra, com terra dentro; em cima, era feito de barro. Naquele tempo, a panela fervendo, ali, pendura, por um gancho, num pau suspenso no alto. Depois a vida foi melhorando. (Irene Casarin Scaglione, 20/05/2000)

Ah, dos meus pais era um monte de, um monte de pedras no meio da cozinha, mas bem feitinho né, e uma corrente pendurada no caibro da cozinha, e pendurava a panela com um ganchinho comprido assim. Um ganchinho que aumentava e diminuía e aí a panela pendurada ali. Ah, a polenta tinha a panela separada. Pendurava também, mas depois que tava mexida a polenta, mais durinha, a gente puxava umas brasa na beirada do fogo e encostava a panela ali, e ali ia mexendo, mexendo a panela, virando a panela na volta, para deixar a polenta pronta. (Maria Lorenzon, 26/06/2005)

As depoentes também lembram as dificuldades vividas na colônia, seja pela ausência da energia elétrica, seja pela fome. Observamos tais relatos:

Não tinha nada, tinha era vela de petróleo, querosene. (...) Mãe de Deus! Quanta fome. Mamãe nos dava polenta e mandava nós comermos com uva porque não tinha nada. Ninguém sabe o que era aquela miséria.” (Irene Casarin Scaglione, 20/05/2000)

E para o banho, a gente aquetava a água, botava lá num canto e tomava banho. No inverno. E no verão tinha no arroio, na sanga. Lavava lá. É naquele tempo não era fácil não. (Gema Voltan Zanetti Kurtz, 18/06/2000)

A alimentação era baseada em alimentos produzidos pelas próprias famílias. Por isso não havia muita variedade nos cardápios, mas era o suficiente para dar energia para o trabalho braçal. Constata-se isso nos seguintes trechos, quando indagadas sobre a alimentação:

Feijão, batata, arroz, [risos] mas naquele tempo que criemos (sic) nossos filhos, não era feijão dum lado e arroz do outro, era tudo misturado, aí se fazia batata arroz e feijão, outro dia massa e feijão, e outro dia arroz e feijão, mas tudo nós cozinávamos, depois feijão cozido, depois do feijão cozido

<sup>2</sup> A trempe era uma espécie de corrente. Uma das extremidades desta corrente era fixada no teto e na outra ponta colocava-se a panela através de um gancho e abaixo da panela ficava o foccolare. Sendo assim a utilidade da trempe nas primeiras casas.

quando era quase na hora de comer, nós botava a massa... É misturado na mesma panela, e comia tudo, comia aquele prato de feijão, massa e arroz, tudo, comia tudo, depois agarravam as ferramentas e iam pra lavoura... E agora uns nem comem. (Maria Lorenzon, 26/06/2005)

Nós, não sabíamos o que era um pedaço de carne, nem no Natal nem no Ano Novo. O Antoninho, meu irmão, não podia nem olhar abóbora, porque a falecida mamãe agarrava as abóboras, cortava em tiras e colocava a cozinhar dentro do feijão. (Irene Casarin Scaglione, 20/05/2000)

Carne de rês a gente quase não comia, muito difícil. Às vezes tinha um vizinho que matava um animal, e aí aos outros, então, oferecia: “vou matar um animal tal”, aí vendiam a carne, os outros buscavam uns pedaços de carne de rês ou de ovelha. Tinha um vizinho que tinha muita ovelha, de vez em quando matava uma e oferecia pra ir buscar. (Gema Voltan Zanetti Kurtz, 18/06/2000)

Sem energia elétrica na Colônia Maciel, quando se matava algum animal, deveria ser consumido logo ou achar um mecanismo para que a carne não estragasse. Dona Gema conta como faziam para a conservação da carne na ausência de geladeiras:

Aquela época matava um porco, conserva. A minha mãe fazia carne em conserva. E é bom em conserva! Matava um porco, tirava uns pedaço de carne boa, botava, cozinhava bem cozido, botava dentro de uma vasilha e botava banha em cima. Ai conservava no meio da banha. E lingüiça, a gente fazia lingüiça, essas coisa. No verão uma vez se estragava, se via que a lingüiça ia estragar, minha mãe fazia assim, se via que a lingüiça ia estragar, ela cortava tudo em pedacinhos e cozinhava, e botava no meio da banha. Matava porco, pegava três, quatro latas de banha, aqueles porcos grandes. E pra ir num açougue era de vez em quando. (Gema Voltan Zanetti Kurtz, 18/06/2000)

Ao mesmo passo em que construíram as casas, os imigrantes e suas famílias preparavam o solo para a plantação de gêneros agrícolas destinados à subsistência das famílias, presentes no cardápio diário, e logo o escoamento do excedente, através da comercialização dos produtos. Nos seguintes depoimentos, encontram-se alguns exemplos da produção, bem como a participação das mulheres no trabalho agrícola:

Plantavam milho, diz que dava milho que é uma beleza. Acho que dava tudo. Teve um tempo que o italiano plantou alfafa. (Gema Voltan Zanetti Kurtz, 18/06/2000)

Ah, milho, feijão, batata, trigo, plantavam de tudo pra comer. (Maria Lorenzon, 26/06/2005)

E a minha mãe cortava alfafa parelho com meu pai, de gadanha. Assim plantava alfafa né, queimava, queimava bem a terra, porque aquela época queimava bem pra plantar alfafa né, o principal não era pra queimar tirava bem, depois botava fogo pra queimar pra ficar bastante cinza assim, pra terra ficar bem. Aí a gente cavava com enxada, eu também cavei, meu pai me ensinava. A gente cavava bem fundo assim, depois virava a terra, e depois passava bem assim e semeava a pá, e ela dava né, a época assim de cortar, crescia e dava, mas não se botava nada aquela época, nas primeiras plantações. E plantava milho, plantava trigo, bastante trigo, a gente plantava pro gasto, mas a família também era grande, nós éramos sete, pra comer e vender, e também batata se plantou. (Angelina Casarin Zanetti, 17/06/2000)

Na infância, nós todos trabalhávamos na lavoura. Me lembro que, quando nós éramos pequenos, o papai agarrava a enxada, botava um cabinho pequeno e nos levava para nos ensinar a capinar feijão e milho. (Irene Casarin Scaglione, 20/05/2000)

Todas as depoentes, quando indagadas sobre o trabalho nas plantações, afirmaram que as mulheres trabalhavam tanto quanto os homens, não havendo distinção. Até mesmo quando eram pequenas, como no caso da senhora Angelina Casarin Zanetti. E além, do trabalho braçal, as mulheres costumavam costurar por dois motivos: primeiro para que a renda da família fosse complementada e segundo para costurar as próprias roupas, inclusive os enxovais. A senhora Irene Casarin Scaglione, quando indagada sobre quem produzia as roupas que a família vestia, prontamente respondeu: “*Fazíamos em casa. A falecida mamãe costurava*”.

Sabe-se que no período havia um senso comum de que ter filhos homens era sinônimo de mais mão-de-obra na propriedade, bem como era mais econômico. Enquanto o filho homem, após o casamento, continuava na propriedade paterna, a filha deveria sair de casa. Conforme o relato de Gema Voltan Zanetti Kurtz:

Quando casavam os filhos, eu sei que isso minha mãe contava, que minha avó contava. Por exemplo, os velhos, os antigos aí tinham sete ou oito filhos, mas todo filho homem ia ficando morando em casa, por que eles não tinham pra aonde ir, eu acho. E assim moravam tudo junto, ia casando e ia ficando na casa. A filha mulher a gente sabe que ia pra casa do marido. (Gema Voltan, Zanetti Kurtz, 18/06/2000)

O relato da senhora Gema Voltan Zanetti Kurtz, reafirma a análise feita pela historiadora Loraine Giron (1992, p.13), que menciona uma distribuição desigual dos bens que ocorria dentro de famílias italianas:

Aos filhos se dá um pedaço de terra, para as filhas se dá um dote. Esta era repartição definida pelo sexo. Apenas na repartição desigual se dá um agravante: a filha paga pelo enxoval e pelo dote, enquanto os filhos recebem as terras como pagamento do serviço não remunerado realizado. Mas as filhas também trabalhavam sem remuneração.

A própria questão da educação estava permeada pela cultura de que as mulheres não necessitavam de alfabetização, embora houvesse famílias que mandavam as meninas para a escola. Exemplo disso é o relato da dona Maria Lorenzon, quando indagada por que motivo não tinha frequentado a escola:

Por que meu pai não quis, ah, ele disse que tu és mulher, mas tinha um que mandava a filha mulher pra escola; ele falava “mulher não precisa”. Nós éramos três irmãs, nenhuma [estudou], só o filho homem. Mas não no fim me criei assim, a minha assinatura é o dedo. (Maria Lorenzon, 26/06/2005)

Através da leitura, foi possível identificar que os italianos da Maciel possuíam características idênticas aos italianos da Serra. O modo da organização familiar, da vida em comunidade, as práticas agrícolas, a arquitetura rústica, seja ela em pedra ou madeira, a alimentação, as dificuldades vividas eram as mesmas. Exemplo marcante é o caso das *tabuinhas*, usadas como coberturas nos telhados: nas duas regiões de imigração italiana, havia a mesma prática de fabricação. Para os descendentes dos imigrantes da Maciel, simplesmente eram tabuinhas, enquanto para os imigrantes da Serra eram os *scandoles*. O modo como eram denominadas é irrelevante, pois a prática, por si só, já afirma essas semelhanças. Outra semelhança é o relato sobre o trabalho realizado pelas mulheres na Colônia Maciel e a interpretação realizada pela Loraine Giron no estudo da participação no trabalho realizado na região colonial italiana da serra gaúcha. São essas semelhanças que fazem com que sejam necessários estudos, não para distinguir as áreas de colonização italiana no Rio Grande do Sul, mas para aproximá-las.

Provavelmente, os primeiros anos na Colônia Maciel foram difíceis, mas com o passar dos anos as dificuldades foram superadas. Casas foram construídas; as plantações começaram a produzir o suficiente para garantir a alimentação da família e ainda um excedente que era comercializado; tiveram que produzir alguns dos seus objetos e se adaptar ao novo país. Sem sombra de dúvida, as esperanças de uma vida melhor foram alcançadas.

## Conclusões

Um dos objetivos deste trabalho residia no reconhecimento da Colônia Maciel como 5ª Colônia Italiana no Rio Grande do Sul, reconhecimento este que se viabiliza, ao se mostrar que o tipo de colonização feita na Colônia Maciel, embora tenha suas particularidades, não difere da imigração organizada nas outras regiões do Estado. Temos o barracão, os lotes cedidos pelo Governo, uma arquitetura similar, a produção do vinho, a identidade étnica compartilhada, enfim, todos os elementos que a transformam na Quinta Colônia Italiana; este reconhecimento possibilita uma correção historiográfica.

Os acervos do Museu Etnográfico da Colônia Maciel têm sido objeto de pesquisas científicas, contribuindo para o desenvolvimento de trabalhos de graduação e pós-graduação que, por sua vez, contribuem na valorização da memória dos descendentes de imigrantes italianos.

Quanto aos recortes feitos nas entrevistas, cabe ressaltar que a escolha não foi casual: elas foram agrupadas em torno de um tema comum – mulheres – para uma melhor construção da interpretação histórica, para que pudessem ser analisadas as informações sobre a chegada em Pelotas, a casa e o trabalho. Além do mais, nada melhor, para se estudarem as mulheres, que saber qual o ponto de vista que elas próprias tinham sobre suas histórias.

Para finalizar, espero que o trabalho possa servir como guia e ponto de partida para que outras pesquisas sejam feitas sobre o tema, e que a historiografia sobre a região seja enriquecida. Cabe afirmar que este trabalho não é definitivo e não esgotou as possibilidades de estudo dos acervos de história oral, constituindo-se em um exercício que aponta importantes possibilidades interpretativas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena. **Histórias dentro da História.** In PINSKY, Carla Bassanezi (org) Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2005

ANJOS, Marcos Hallal dos. **Estrangeiros e modernização: a cidade de Pelotas no último quartel do século XIX.** Pelotas: Ed.Universitária, 2000

CERQUEIRA, F.V; PEIXOTO,L.S; GEHRKE,C. **Museu e Identidade: o projeto da Colônia Maciel (Pelotas,RS).** In Foro Latinoamericano: Memória e Identidad. Montevideo, 2008

GIRON, Loraine Slomp. **Produção e reprodução: a mulher e o trabalho na região colonial do rio Grande do Sul.** Caxias do Sul: UCS, 1992

GRANDO, Marinês Zandavalli. *Pequena agricultura em crise: o caso da colônia francesa no Rio Grande do Sul.* POA, FEE (teses n° 14), 1990. In: ANJOS, Marcos Hallal. 1995, p. 12.

GUTIERREZ, Ester J. B. **Negros, charqueadas e olarias: um estudo sobre o espaço pelotense.** Pelotas: Ed. Da UFPel, 2001

MAESTRI, Mario. **Pampa Negro: Quilombos no Rio Grande do Sul.** In REIS, João José; Gomes, Flávio dos Santos. Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p.308

NEIS, Fabiano. **A Cultura Material e a História Oral das Ítalo-Pelotenses no Museu Etnográfico da Colônia Maciel- Pelotas/RS.** Pelotas: UFPel, 2014 (Trabalho de Conclusão do Curso de História – UFPel)

PANIS, Marcelo. **O Turismo na perspectiva da multifuncionalidade do espaço rural: o caso do distrito do Rincão da Cruz – Pelotas/RS.** Pelotas: UFPel, 2007 (Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura Plena em Geografia - UFPel)

PEIXOTO, Luciana da Silva. **Memória da imigração italiana em Pelotas/RS. Colônia Maciel: lembranças, imagens e coisas.** Pelotas: UFPel, 2003 (Trabalho de Conclusão do Curso de História-UFPel)

ULLRICH, Carl Otto. **As Colônias Alemãs no Sul do Rio Grande do Sul.** In: História em Revista. Pelotas: Núcleo de Documentação Histórica: Ed. Universitária / UFPel, 1999

VAZATTA, Abrelino Vicente. **Italiani in Rio Grande: testimonianze di storia umana e civile.** Caxias do Sul, RS: Istituto Veneto per i Rappo rti con l'America Latina, 1997

## Fontes

Livro Tombo da Paróquia Sant'Ana da Colônia Maciel – Pelotas/RS.

Fontes Orais do Banco de Imagens e Sons do Museu Etnográfico da Colônia Maciel

Angelina Casarin Zanetti – 17/06/2000

MECOM: 04.02.0245

Francisca Aurora Pegoraro Camelatto – 25/06/2005

MECOM: 05.02.0332

Gema Voltan Zanetti Kurtz – 18/06/2000

MECOM: 04.02.0250=

Irene Casarin Scaglione – 20/05/2000

MECOM: 04.02.0244

Maria Lorenzon – 26/06/2005

MECOM: 05.02.0672